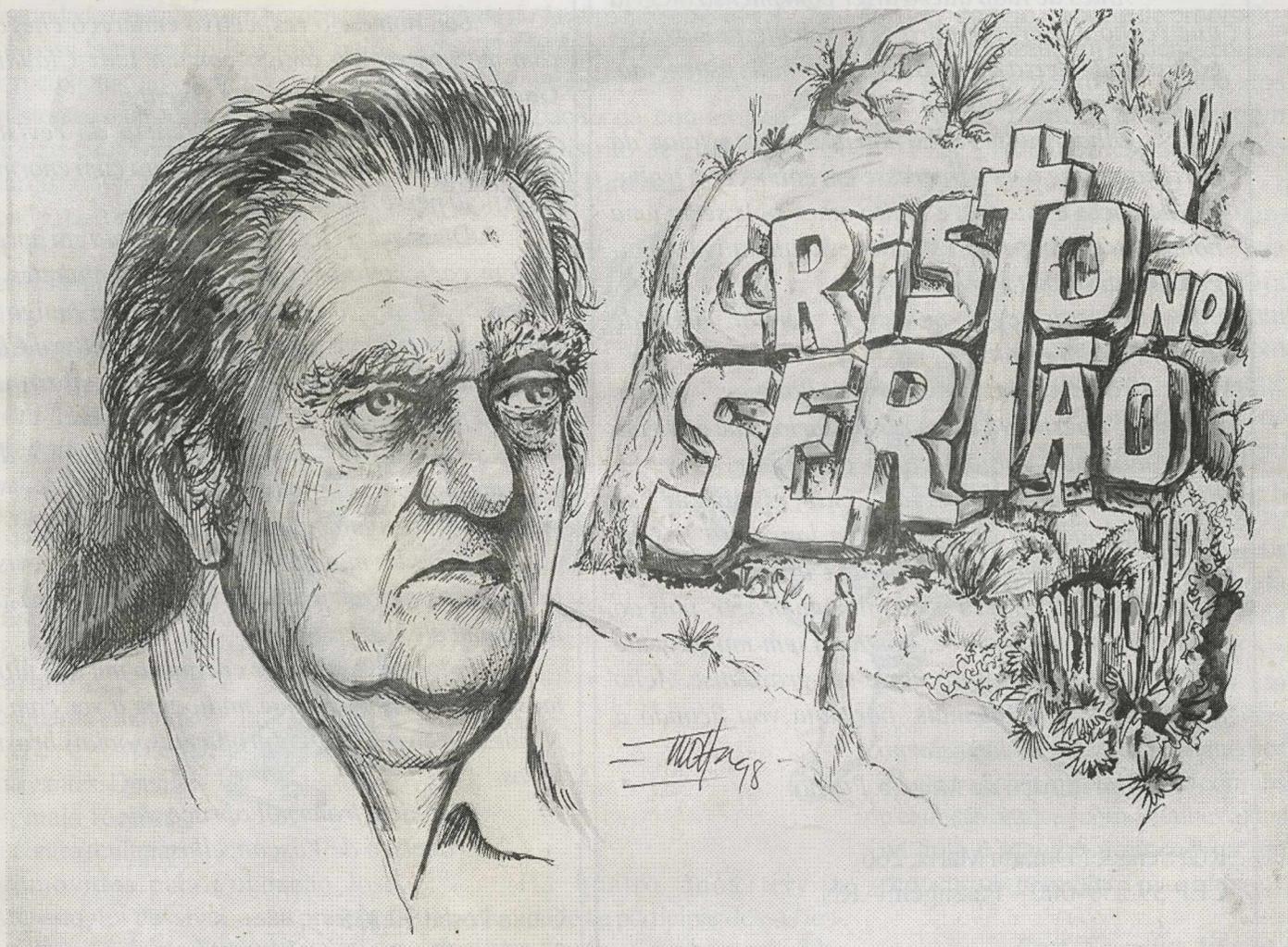


O Potiguar

Ano 1 Nº 08

Outubro/Novembro 98



"São estas as histórias de Jesus Cristo no Sertão. Reanimam e alentam a vitalidade da alma simples do vaqueiro e do cantador, estas lendas onde, numa ilusão de bondade, existe a doce esperança do paraíso".



Cartas

Passagem, 29 de Setembro de 1998

Saudações a todos do "O Potiguar".

Antes de tudo quero dizer com imensa alegria que venho a escrever para esse veículo de divulgação que não deixa a "cultura" ficar mais esquecida.

Parabéns a todos!

Olha o motivo acho não preciso nem falar, dá para notar que o meu interesse em conhecer o trabalho de vocês é imenso, e muito mais, pois seria uma honra para mim poder estender esta iniciativa a amigos, daqui do Estado e de fora.

Eu sou poeta, músico e escritor, além de ativista social e cultural.

*Tomei conhecimento do "O Potiguar" através do jornal **Poesiativa** e de universitários que ouviram falar mas não sabiam como conseguir. E venho através desta, encarecidamente, pedir-lhe, se possível, todos os exemplares já lançados. E caso queira que eu seja representante e distribuidor aqui da região Agreste será para mim um prazer, pois ao contrário do que parece, por aqui tem muita gente interessada pela cultura norte-rio-grandense. Acho que já me estendi demais, por aqui vou ficando à espera ansiosa de um retorno.*

Um abraço de Márcio Pavão

Rua Senador Dinarte Mariz, 266
CEP 59.259-000 – Passagem – RN.

Petrópolis, 9 de outubro de 1998

Mestre João Gothardo Emerenciano

*Seu nome e o respectivo endereço chegaram-me através do amigo comum Luiz Cláudio Gadelha, editor do **Nordeste Oxente**.*

*Estou sabendo da existência da revista **Potiguar**, obra sua, que imagino feita com enorme sacrifício nesse difícil Brasil de hoje.*

*Disse-me o Gadelha que a revista em apreço tem contemplado em várias oportunidades a figura de Mestre Cascudo, de quem fui amigo e sobre quem escrevi, e lancei em 1991, o livro **Câmara Cascudo do Potengi ao Piabanha**, obra que tenho o prazer de remeter-lhe em separado.*

Na oportunidade do centenário de Cascudo, estou coligindo tudo quanto há a respeito dele, para futuras elaborações.

Se puder mandar-me os números da revista que se ocuparam do nosso Mestre, ficar-lhe-ia imensamente grato.

Estou enviando-lhe em anexo um dos últimos trabalhos meus e que muito tem a ver com o Nordeste e com os velhos problemas sociais brasileiros.

*Grande e fraternal abraço do
Francisco de Vasconcellos.*

Caixa Postal 90.335
25.621-970 – Petrópolis – RJ.

EXPEDIENTE

Diretor

-João Gothardo D. Emerenciano

Editor

-Moura Neto

Revisão

-João Gothardo D. Emerenciano

-Giuliano Emerenciano Ginani

Programação Visual

-Arandi Sales

Gerente comercial

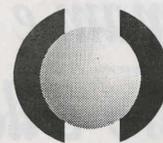
-Carlos Frederico da Câmara

Impressão

-Gráfica Nordeste.

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400



HIPÓCRATES
COLÉGIO E CURSO

**1999-Ano do Quatrocenário da
Cidade do Natal**

Rua Jundiá, 421- Tel.:(084) 222-4367
Natal- Rio Grande do Norte

Os Espontões

Importante manifestação cultural, existente ainda na Região do Seridó, mais precisamente nas cidades de Caicó e Jardim do Seridó. Já estudada por pesquisadores importantes, tais como: Luís da Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo e Deífilo Gurgel. As suas apresentações oficiais são levadas a efeito por ocasião das festividades religiosas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, pelos participantes das comunidades negras existentes na Região do Seridó. Uma de suas características marcantes é o seu distintivo, espécie de bastão longo, tendo na ponta um maracá enfeitado de fitas, que provavelmente representa a meia lança usada até fins do século XVIII por sargentos da infantaria, costume esse que vem da Idade Média, passando pela França e Península Itálica.

A dança do "Espontão" no Rio Grande do Norte permanece viva e resguarda ainda suas características marcantes. Durante os mais recentes encontros culturais promovidos pela Fundação José Augusto, foi possível a sua presença no Teatro Alberto Maranhão, onde a comunidade natalense teve a oportunidade de assistir esse belíssimo

espetáculo de cenas coreográficas.

A comunidade dos negros do Rosário, para comemorar suas festividades durante o transcurso de sua Padroeira, realizam diversas cerimônias, entre elas: coroação dos reis negros, eleitos anualmente e a exibição da dança do espontão.

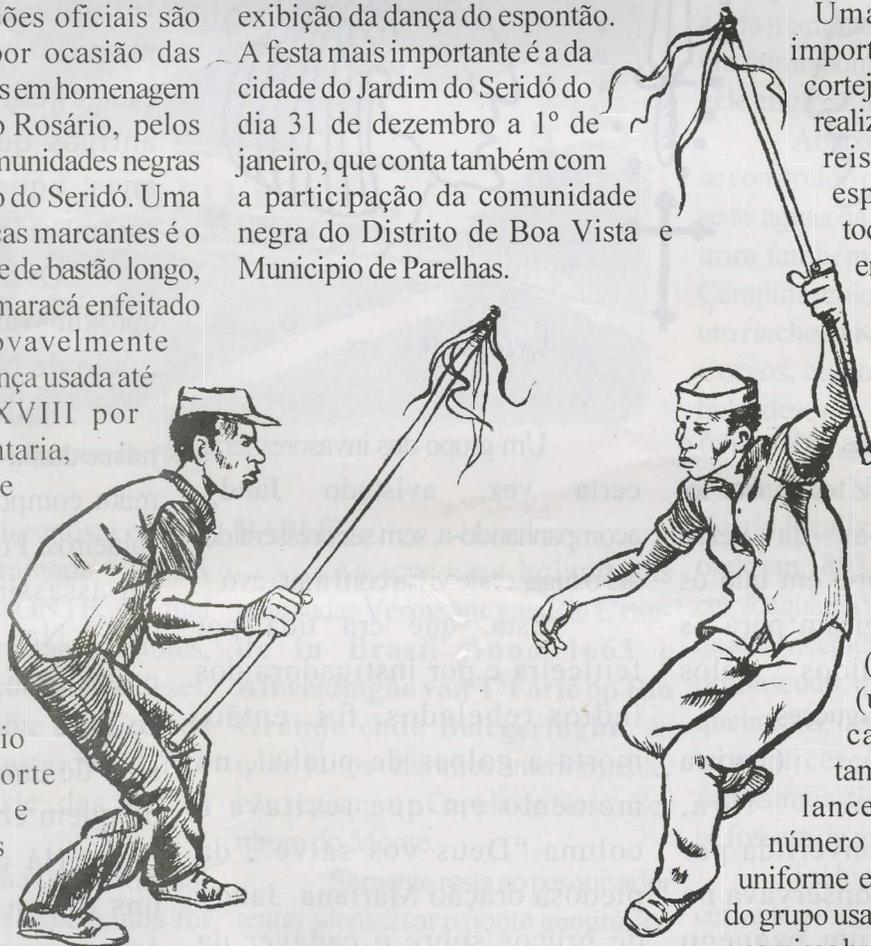
A festa mais importante é a da cidade do Jardim do Seridó do dia 31 de dezembro a 1º de janeiro, que conta também com a participação da comunidade negra do Distrito de Boa Vista e Município de Parelhas.

Jardim do Seridó que apoia e participa dos festejos.

Durante os dias de festas os negros do espontão desfilam pelas ruas da cidade em visitas as pessoas gradas ou atendendo convites para os diversos bairros onde dançam.

Uma característica importante, é que durante o cortejo, espécie de procissão, realizada em homenagem aos reis negros, o grupo dos espontões desfilam com todos os presentes sem, no entanto, dançar.

Após o desfile tem início a sua apresentação cuja coreografia simula um bailado vermelho, com movimentos de ataque e defesa. Dos componentes do grupo consta: capitão de lança, porta bandeira (bandeiristas), os músicos (uma espécie de banda cabaçal) com três tambores e um pífano, os lanceiros que variam em número de seis a doze. Não há uniforme especial, os componentes do grupo usam apenas calças comuns e camisas brancas com detalhes azuis na gola e mangas e na cabeça um pequeno gorro militar.



Há quatro anos tive a oportunidade de participar dessas festividades, confesso minha perplexidade diante de tamanho espetáculo com a participação de toda a população de

Prof. Severino Vicente
2º Secretário da Comissão
Norte-rio-grandense do Folclore



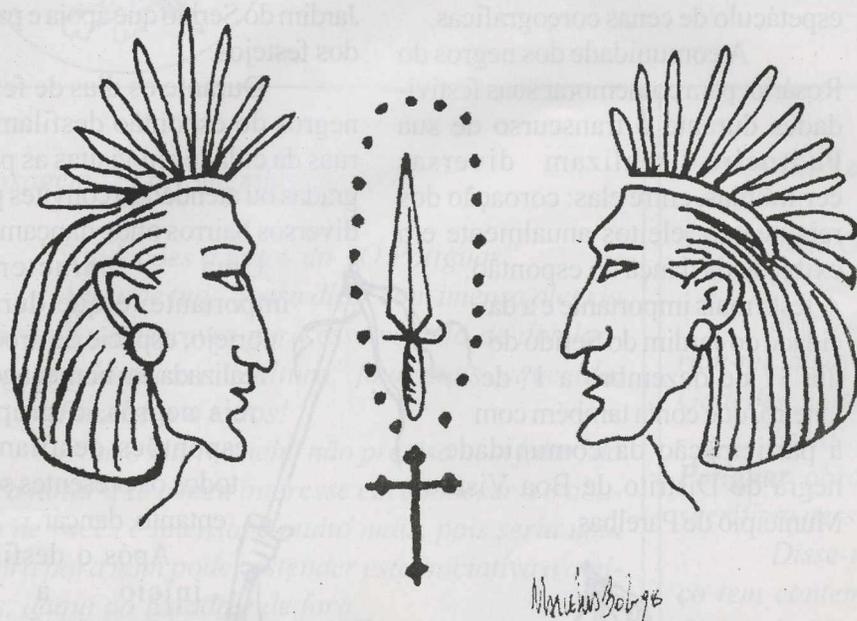
HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Café da manhã regional.
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

R\$ 17,50 preço por pessoa em apartamento duplo

Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - PABX: (084) 211-1154
-TLX: (84.2464) - FAX:(084)221-1157-Natal-Brasil

Cantofa e Jandy



Apelidos de duas índias, avó e neta, que a lenda diz terem ficado, ocultas, nas abas da serra Portalegre, ao tempo em que os seus parentes fugiram para os cariris, perseguidos pelos colonizadores portugueses.

Cantofa (Luiza Cantofa), que fora, anteriormente, convertida por um missionário conservava no seu esconderijo um pequeno oratório, diante do qual rezava diariamente o ofício de Nossa Senhora, Jandy encarregava-se da colheita de mel e de frutas silvestres, para alimentação de ambas.

Um grupo dos invasores teria, certa vez, avistado Jandy, acompanhando-a, sem ser pressentido, até o lugar onde vivia com a sua avó.

Esta, que era tida por feiticeira e por instigadora dos índios rebelados, foi, então, morta a golpes de punhal, no momento em que recitava a coluna “Deus vos salve”, da piedosa oração Mariana. Jandy de bruços sobre o cadáver da avó, foi deixada ao abandono em plena mata escura.

No dia seguinte, voltaram os assassinos ao local, acompanhados de outras pessoas, e ali mesmo deram

sepultura ao cadáver de Cantofa, Jandy desaparecera; e, apesar das buscas dadas em um raio de muitas léguas, não foi possível conseguir ao menos notícias de sua passagem. “Contavam os antigos que, durante muitos anos, aquele lugar era mal-assombrado”.

Os transeuntes que dali se aproximavam ouviam rezar o ofício de Nossa Senhora.

Olho D’água da Bica nasce numa caixa d’água tem uma mata composta de gameleiras e cajueiros. Foi este o lugar onde foi assassinada Cantofa.

Nas horas mortas da noite, pela madrugada, ouve-se uma zoadá que parece o som de uma cascata, ou a voz de quem chora ou canta.

Há opiniões diversas, uns dizem que o som é das águas que correm pelo centro a terra; outros os supersticiosos – julgam ser a voz de Cantofa e o choro de Jandy.

Antonio Soares de Araújo.

20
Anos

GRUPO DINÂMICO

Matriculas abertas p/ 1999

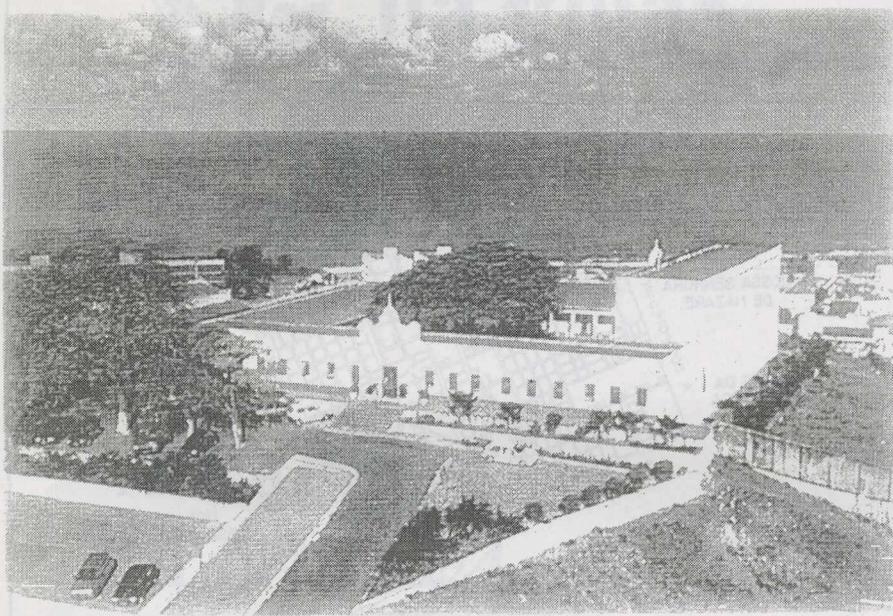
ORGANIZAÇÃO: JOSÉ HENRIQUES BITTENCOURT

Cursinho Dinâmico
Pré Vestibular
Rua Apodi, 243-fone:211-8508

Colégio Dinâmico
Ensino Médio e Fundamental
(1º a 2º Graus)
Rua José de Alencar, 818
Fone:222-0992-Cidade Alta

Centro Dinâmico de Educação
Educação de Jovens e Adultos
Av. Deodoro, 817-Fone:221-1169
Cidade Alta

A desaparecida capela de Nossa Senhora do Monte



Centro de Turismo de Natal

do pelo Centro de Turismo da capital potiguar.

Do pitoresco local descortina-se uma vista magnífica, abrangendo o Potengi, os bairros baixos, além de toda a orla marítima natalense. Foi realmente um ótimo ponto, aquele escolhido para nele erigir-se a capela mencionada.

Abaixo do monte onde achava-se construído o templo religioso, viam-se as águas da atual lagoa do Jacó, outrora também chamada de Lagoa da Campina, cujo desaguadouro formava um riacho, o Krays Rivier (Riacho dos Corvos, ou dos Urubus), citado pelos holandeses.

O mestre Câmara Cascudo supunha que a Nossa Senhora do Monte ficaria localizada no mesmo terreno, onde em 1893 foi construída a casa do cel. Joaquim Manoel Teixeira de Moura, na atual avenida Getúlio Vargas. Segundo Cascudo, quando da edificação daquela casa, o seu proprietário “encontrou alicerces possantes, tijolos fortíssimos, tinindo à percussão como se fossem de metal”.

Tal hipótese não pode prevalecer, ante a indicação que nos é fornecida por Marcgrave, que aponta o local onde hoje funciona o Centro de Turismo, como o ponto exato em que existiu no século XVII, a Capela de Nossa Senhora do Monte...

Olavo de Medeiros Filho

Na Natal seiscentista existiu uma capela denominada NOSSA SENHORA DO MONTE, da qual não deixaram referência os autores, tanto portugueses como holandeses, que escreveram sobre o período da ocupação da Capitania do Rio Grande, por parte das forças flamengas.

A única notícia que temos sobre a desaparecida capela, nos foi deixada através de um estudo cartográfico. George Marcgrave, autor de um mapa que inclui a Capitania do Rio Grande, de 1643, aponta a existência da Capela de Nossa Senhora do Monte. O referido mapa acha-se encartado no livro de

BARLÉU.

As gravuras holandesas intituladas **Verovinge van Rio Grande in Brasil Anno 1663 e Afbeeldinghe van T'Forte op Rio Grande ende Belegeringhe**, às quais já nos referimos anteriormente, não registram a Capela de Nossa Senhora do Monte.

Somente resta ao pesquisador tentar identificar o ponto geográfico aproximado, no qual foi construída aquela capela do século 17. Um meticoloso estudo do mapa de Marcgrave, levou-nos à conclusão de que o monte onde erguia-se a capela dedicada a Nossa Senhora do Monte, corresponde ao local representa-



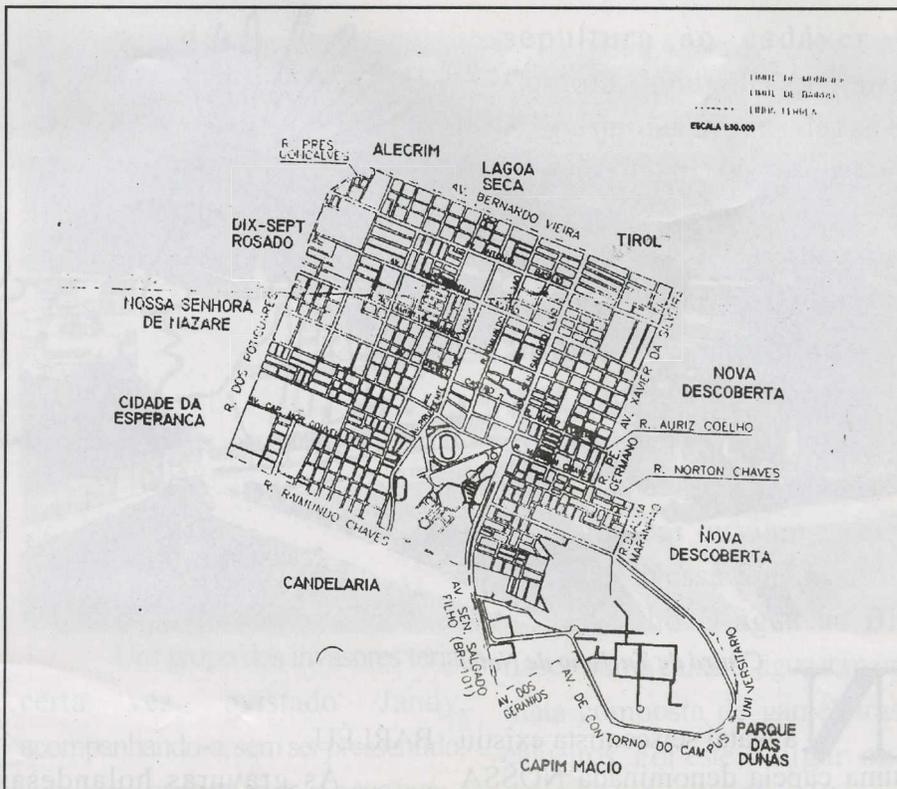
Bairro de Lagoa Nova

Situado na Região Administrativa Sul, o bairro de Lagoa Nova abriga uma população de 37.875 habitantes (censo de 1991 – IBGE) numa área de 766,16ha, limitando-se ao Norte com Alecrim, Lagoa Seca e Tirol, ao Sul com Capim Macio e Candelária, a Leste com Nova Descoberta e Parque das Dunas, e a Oeste com Candelária, Cidade da Esperança, N.S Nazaré e Dix-Sept Rosado.

Sua oficialização ocorreu na gestão do Prefeito Sylvio Piza Pedroza através do Decreto-Lei 251, de 30 de setembro de 1947, que definiu os limites: “A Divisa ao norte é o trecho da Av. Bernardo Vieira a partir das Dunas até encontrar a rua Romualdo Galvão. Segue por esta, rumo ao Sul até o cruzamento com a Av. Capitão Mor Gouveia, onde deflexionando à esquerda segue pela referida avenida até as Dunas por cujo sopé prossegue até o ponto de partida”.

O desenvolvimento do bairro teve início na década de 60 com a construção do conjunto habitacional Potilândia – segundo aglomeração planejado de Natal – e dos conjuntos Ipase, Nova Dimensão, Roselândia e Lagoa Nova I e II, construídos na década seguinte.

A instalação do Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1974, e a construção do Centro Administrativo do Estado – no local onde existia a antiga “Lagoa Nova”, - foram essenciais para o desenvolvimento do bairro que abriga o “poema de concreto armado”, como é denominado o Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado, “Machadão”, inaugurado no dia 14 de junho de 1972 com a denominação de



Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, “Castelão”.

Com a duplicação e asfaltamento da Av. Prudente de Moraes houve uma crescente especulação imobiliária, viabilizando o surgimento de grandes empreendimentos como o Hiper-Bompreço e o Shopping Lagoa Center.

A partir da década de 80 foram construídos no entorno da área do Centro Administrativo: O Espaço de Natal, o Kartódromo Geraldo Melo e o Ginásio Poliesportivo Humberto Nesi, inaugurado em 1992 na administração da prefeita Wilma de Faria.

Desde 1994 se realiza no bairro de Lagoa Nova, o Camatal, principal evento da cidade, organizado pela Destaque

Promoções com o apoio da Prefeitura Municipal do Natal.

A Lei nº 4.330, de 05 de abril de 1993 redefiniu os limites do bairro com base na legislação anterior.

João Gothardo Dantas Emerenciano

Fontes:

“Guia da Cidade do Natal”, de J.A Negromonte e Etelvino Vera Cruz, Natal, 1958; “Perfil de Bairros do Município de Natal”. Prefeitura Municipal do Natal/Iplanat/Gerint/Natal, 1994; “Universidade: Para que? Para quem”, de Itamar de Souza, ed. Clima, Natal, 1984.

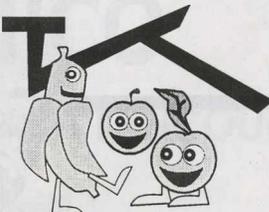
CASA DO PEIXE LTDA

 **Camarão, Peixe, Lagosta, Carne de Caranguejo, Marisco, Ostra e Etc.** 

 **Ney Aranha Marinho Júnior**
Sócio Gerente 

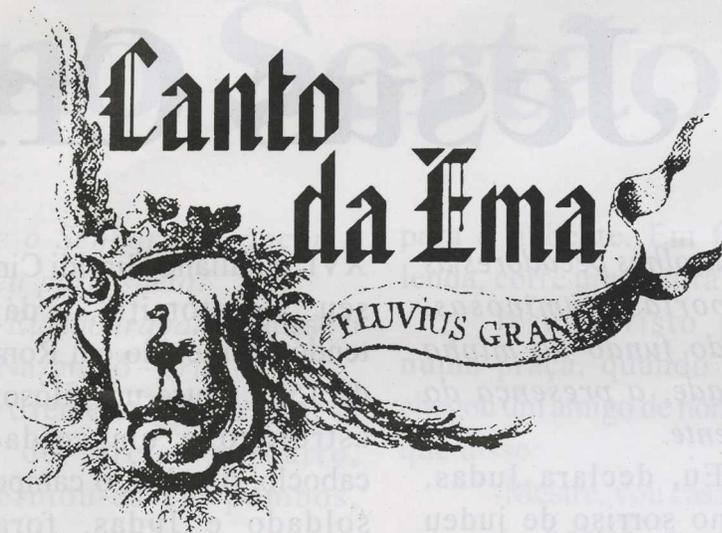
Rua São João, 4 (Canto do mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612



A RAPOSA DA FÁBULA

I

Você conhece a Raposa da Fábula,
Que desejosa de Um Queijo comer,
Viu um Corvo num galho pousado,
Com um Queijo no Bico a recender?...

II

Gritou-lhe astuciosa: - "Bom dia!
Você tem uma plumagem mui Linda!
E sua voz tem uma bela Melodia,
Que eu não pude escutar ainda."

III

"Se sua voz for como suas Penas...
Acredite que é uma grande Festa!...
Você será dos Pássaros, às Centenas,
O mais Belo Morador desta Floresta."

IV

O Corvo, inflando com a Adulação,
Abriu, orgulhoso, o Bico a Cantar!...
O Queijo despencou lá no Chão,
E a Raposa, matreira, veio apanhar.

V

Olhando o Corvo pasmo de - Horror!..
Gritou-lhe: - "Senhor Corvo Biruta,
Fique sabendo que todo - Adulador,
Vive às expensas de quem o escuta".

VI

O Corvo jurou - mas já era Tarde;
"Que nunca mais seria Tolo e Bobo,
Para escutar uma Raposa Covarde"...
Porém, isso diz sempre o nosso - Povo

VII

Com sua melodiosa - Louvação,
Político é Raposa mui astuta!...
Vivendo aquele delicioso - Vidão,
Às custas do trouxa que o escuta.

Prof. Henrique Baptista Júnior



-UNBEC-
COLÉGIO MARISTA DE NATAL
100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
130- fone: (084) 211-55005- Fax:(084)212-1216-
<http://www.natal-marista.com.br>
@natal-marista.com.br



EMSERV

**Empresa de vigilância e Transporte
de valores LTDA.**

Av. Campo Sales,682-tel.:(084)211- 4955-Natal/RN
Rua Epitácio Pessoa,527-Bom Jardim-Mossoró/RN

Jesus Cristo no Sertão

E stávamos deitados no barro batido e duro da latada. Noite de luar, mas a lua enfurnava-se no algodão em rama das nuvens aglomeradas e densas. De longe em longe é que uma toalha de luz branca e tépida banhava de prata os torreões dos serrotes, salpicando de opala as árvores, e se ia insinuando em riscos e tracejos de platina, na água corrente dos arroios.

Logo depois do café, ficamos fumando grossos cigarrões de palha de milho com fumo negro do Brejo. Contaram-me histórias de Jesus Cristo, quando andara pelas terras vermelhas do sertão.

-Quando Deus andava no mundo, dum feita não tinha senão um pedaço de carne para a janta. São Pedro e Judas iam com o Senhor e concordaram no seguinte: quem tivesse o sonho mais bonito comeria a mesquinha ração.

Dormiram sem ceia. Pela manhã passaram a narrar o que tinham sonhado.

-Eu, disse Jesus Cristo, vi o Pai na sua glória. Rodeavam-no anjos, querubins e arcanjos, entoando hosanas e aleluias, ao som de harpas, saltérios e cítaras. Fiquei à sua direita, e vi passar a tristeza dos homens através das idades.

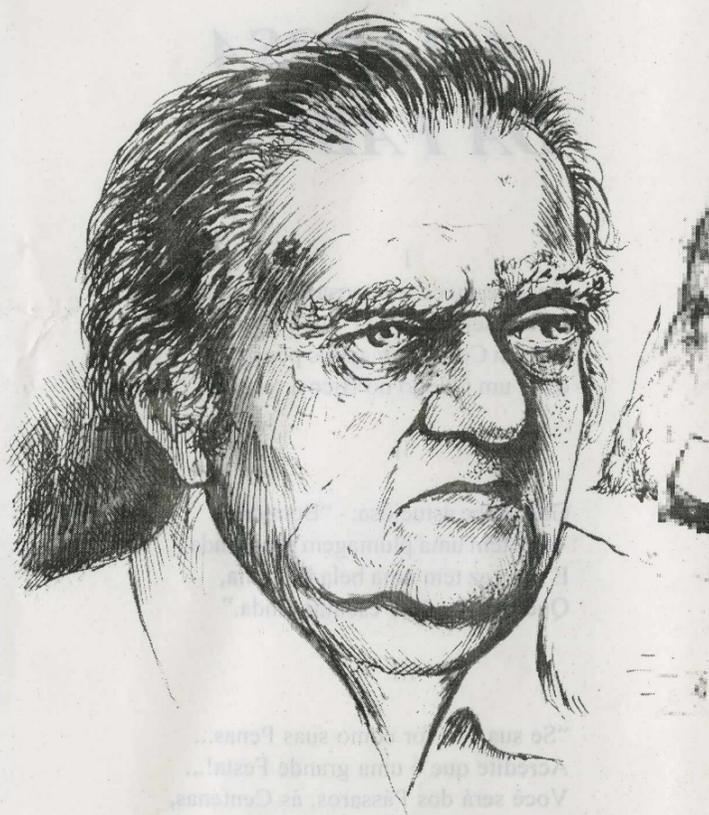
-Eu segui o Mestre na sua ascensão- explica o divino chaveiro - o paraíso abriu

aos meus olhos pecadores as suas portas luminosas. Senti, do fundo da minha humildade, a presença do Onipotente.

-Eu, declara Judas, num fino sorriso de judeu matreiro, vi o Senhor junto ao Todo-Poderoso, e vi Pedro ajoelhado. E como eles estavam no céu não mais precisariam do mundo, tendo fome, comi a carne.

Gustavo Barroso no seu livro "Ao som da viola", narra este mesmo conto, pondo em cena um padre, um estudante e um caboclo. No velho livro árabe "Nushetol Udeba", a mesma narrativa está registrada como ocorrida entre um cristão, um maometano e um judeu. Idêntico episódio é tratado pelo judeu converso Pedro Afonso, em fins do século XI ou princípios do século XII, na sua "Disciplina Clericalis"; personagens - dois burgueses e um camponês. No século

XVI, o italiano Giraldo Cintio, no seu "Eccatomiti", o dá como tendo acontecido em Roma, ano de 1527, entre um filósofo, um astrólogo e um soldado. O caboclo, o judeu, o camponês, o soldado e Judas, foram os



vencedores. A tradição popular encarna ritualmente os vitoriosos do amor e da fortuna nos pobres, nos humildes, nos desprotegidos. Está nisto a suprema ironia e a suprema bondade do folclore.

Jesus Cristo, quando menino, brincava fazendo castelos de areia diante de casa. Era no Sábado, e passava um fariseu, no orgulho da sua túnica alvíssima de sacerdote.

-Porque trabalhas no dia

em que o Senhor descansou e escolheu para sueto?

-Eu não trabalho - disse o jovem Nazareno - crio.

Arremessando para o ar as bolas de areia e barro, transformou-as em pombos,

para o nubente. Em forma de lenda, corre uma sátira terrível.

Jesus Cristo pregava numa praça, quando a ele se chegou um amigo de nome Tiago, que disse:

-Mestre, vou casar. Venha partir o pão da amizade em minha mesa.

O Mestre assistiu às bodas e é provável que tivesse repetido o milagre de Caná.

Meses depois voltou Tiago declarando:

-Rabi, morreu minha mulher e vou casar de novo. Quero vossa presença entre os meus, como prenúncio de felicidade e de paz. Jesus olhou-o bem e mandou que São Pedro o representasse.

Tempo depois chega Tiago, explicando:

-Jeová não quer que eu viva muito tempo com a minha escolhida. Morreu a mulher que eu amei e vou casar novamente. Convidou-o e retirou-se para os festejos.

-Então, mestre - perguntou um apóstolo - as bodas de Tiago?

-Nem vou, nem mando, respondeu Jesus Cristo, e continuou a pregar.

A época do fim do mundo está marcada para os sertanejos. Todas as

previsões, desde Nostradamus até madame de Thebes, não têm valor para aqueles que possuem a convicção do augúrio primevo, designando quase o dia do traspasse coletivo. Isso tudo porque esta lenda faz parte da vida do Redentor, esquecida na Bíblia e guardada fielmente na memória de gerações de fieis.

No momento da ascensão Jesus se despede dos discípulos.

-Até quando, Senhor? - é a pergunta anciada dos futuros oragos.

-Até mil e tantos anos, - responde o Unigênito.

Felizmente, Maria Virgem e Mãe, apanhando uns caroços de milho, sacudiu-os ao vento, dizendo:

-E mais estes, meu filho. Só assim, teremos que viver até o ano dois mil e tantos.

São estas as histórias de Jesus Cristo no sertão.

Reanimam e alentam a vitalidade da alma simples do vaqueiro e do cantador, estas lendas onde, numa ilusão de bondade, existe a doce esperança do paraíso.

Luís da Câmara Cascudo

Do "Sertão de Inverno"
Transcrito da Revista do Brasil,
de 20 de julho de 1922

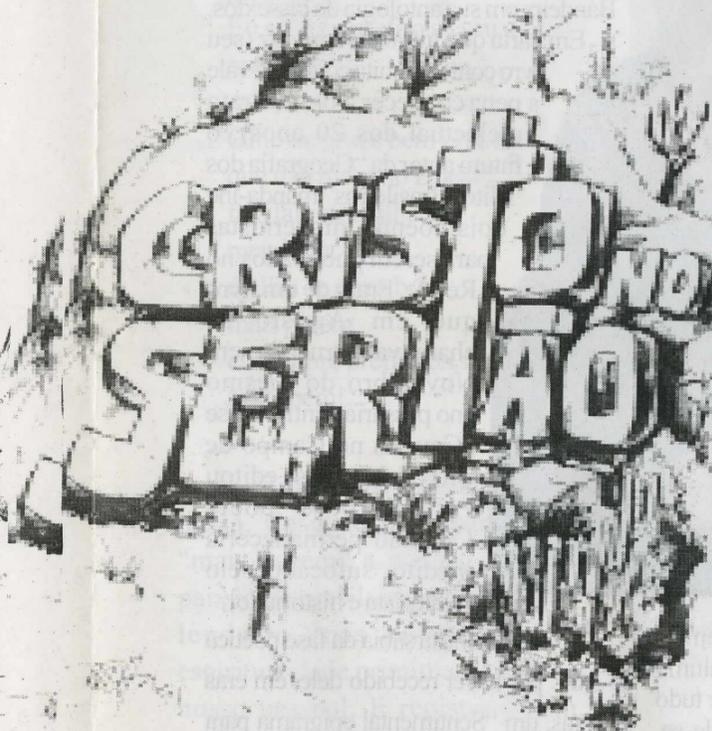


Imagem de Cascudo

-Já consultou o Cascudo? O Cascudo é quem sabe. Me traga aqui o Cascudo.

O Cascudo aparece, e decide a parada. Todos o respeitam e vão por ele. Não é propriamente uma pessoa, ou antes, é uma pessoa em dois grossos volumes, em forma de dicionário que convém ter sempre à mão, para quando surgir uma dúvida sobre costumes, festas, artes do nosso povo. Ele diz tintim-por-tintim a alma do Brasil em suas heranças mágicas, suas manifestações rituais, seu comportamento em face do mistério e da realidade comezinha. Em vez de falar "Dicionário Brasileiro" poupa-se tempo falando "o Cascudo", seu autor, mas o autor não é só dicionário, é muito mais, e sua vasta bibliografia de estudos folclóricos e históricos marca uma bela vida de trabalho inserido na preocupação de "viver" o Brasil.

Agora, mandam dizer de Natal que vão comemorar os 50 anos de atividades culturais, os 70 anos de idade de Luís da Câmara Cascudo, o que é de inteira justiça. Bater palmas ficou muito sem sentido, depois que, na televisão, artistas se aplaudem a



si mesmos, fingindo que aplaudem os acompanhantes ou o público, este último convidado perenemente a aplaudir tudo e a todos. O governo auto-aplaude-se, imitando o novo costume, e o Brasil parece uma festa... encomendada. Vamos esquecer o convencionismo publicitário, diante das comemorações a Cascudo. Este, realmente, fez coisas dignas de louvor, em sua contínua investigação de

um sentido, uma expressão nacional que nos caracterize e nos fundamente na espécie humana.

Lendo agora o vasto documentário de Joaquim Inojosa sobre "O Movimento Modernista em Pernambuco" (também dois tomos, em véspera de quatro), vou encontrar o jovem Luís da Câmara Cascudo, nos longes de 1925, tangendo a lira nova. Não é surpresa para mim, que o sabia poeta modernista, não arrolado por Bandeira em sua antologia de bissextos.

Em carta que Inojosa reproduz (seu livro contém muita coisa que vale a pena conhecer, como retrato intelectual dos 20 anos), o futuro autor da "Geografia dos Mitos Brasileiros" manda-lhe dois poemas modernistas para serem publicados no Recife. Eram de um livro que em Agosto se chamava "Bruaá" e em Novembro do mesmo ano passaria a intitular-se "Caveira no Campo de Trigo". Nunca se editou esse livro. O poeta Cascudo permaneceria inédito, sufocado pelo folclorista e historiador.

Este cronista sabia da fase poética de LCC por haver recebido dele, em eras remotas, um "Sentimental epigrama para Prajadipock, Rei de Sião", um reino "governador em francês". Como também lhe conhecia este "Lundu de Collen Moore", que marca suas preferências nativistas sobre os mitos importados de Hollywood,

A MAIOR VARIEDADE EM LIVROS
CIÊNCIA - TECNOLOGIA
ARTE - LITERATURA



Centro de Convivência Djalma Marinho, lojas 08/09 -
Fone: 211-9230

J E B O
CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros,
discos, cd's, videos e cassetes
usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

é bem típico do nosso modo de dizer em 1929:

Os olhos de Collen Moore
olhos de jabuticaba
grandes, redondos, pretinhos...
mais porém
são olhos de americano,
meu-bem.
Eu sempre prefiro os seus,
meu-bem!

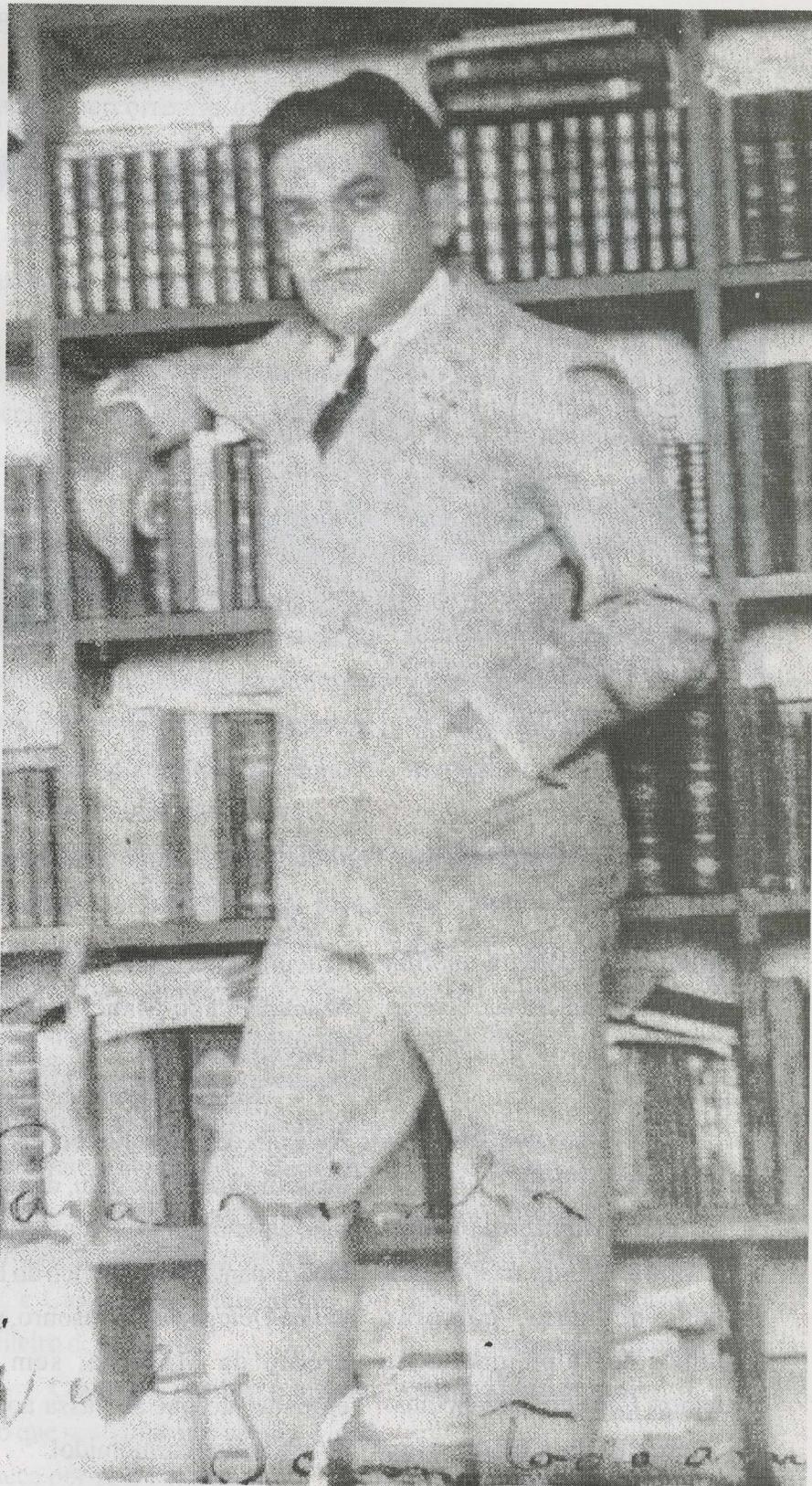
Olhos de ver no cinema,
só lembra a gente espiando
e depois é se esquecendo,
meu-bem.
Eu sempre prefiro os seus,
meu-bem!

Olho de gente bem branca
que não mora no Brasil
fala fala atrapalhada,
meu-bem,
é olho de terra boa
mais porém
eu sempre prefiro os seus.
Meu-bem!...

Trocando o verso inicial pela prosa, Cascudo não abandonou, "mais porém" a poesia. Em sua paixão de brasileiro, visita-a no lendário, nas tradições, na espiritualidade primitiva e lírica de nosso pessoal. E registra-a com esse amor de toda uma vida fiel à sua terra e sua gente.

Carlos Drummond de Andrade

*Transcrito da Revista Provincia I
Fundação José Augusto, Natal, 1968.*



VEREADOR

EMILSON MEDEIROS

Cumprimenta a memória centenária de Câmara Cascudo (1898-1998) - além de tudo, um político da melhor espécie.

VEREADOR

DICKSON NASSER

25.623

1998
Ano do Centenário
de Luís da Câmara Cascudo



Elegia a Natal



Avenida Tavares de Lira na década de 30

Natal, companheira querida de minha infância! Tu que comigo brincaste quando ainda eras menina!

Eu era tão pequeno e tu eras pequena também.

Natal, do Paço da Pátria, para onde eu ia, nas tardes mornas de maio, comprar sequeiros de Taipu, grudes de Extremoz, Cana de Carnaubinha. Do mercado da Cidade Alta, mercado de Tororomba, de

Mucura e de Manel Camelo! “Ei, Mucura, cadê Manel Camelo? – gritava a meninada!

Natal das feiras de Tatajuba, onde nos deliciávamos bebendo aluá de milho, capilé de caju, debaixo de tuas amendoeiras. E a amendoeira olha, espanta, para o Banco do Brasil, para a Delegacia do Tesouro, para o prédio da Mobra, sem nada entender do que se passa ao redor de seu tronco carmomido!

Natal das praias mais belas

que o mundo tem: Redinha, olhando a barra, defronte à fortaleza, Praia do Meio, Areia Preta, Mãe Luísa, Barreira Roxa, Ponta Negra! Quanta beleza no azul do mar, na brancura de tua areia! Natal do Rio Potengi, da Praticagem, do Canto do Mangue, do Cais Tavares de Lira, da Pedra do Rosário, do Zumbi, da Guarita, do Oitizeiro, do Refoles, da Curva do Periquito. Quanta poesia, olhando as águas de prata de teu rio!

Natal, cidade das ruas com

NOSSOS INDÍGENAS SÃO OS TUPIS, BEBEDORES DE VINHO DE CAJU, O CAUIM.

Luís da Câmara Cascudo
Folclorista e historiador



DEPUTADO FEDERAL

**BETINHO
ROSADO**

nomes bonitos, recendendo a bogari e manjerona! Rua dos Tocos, Rua Nova, Rua do Arame, do Vai-Quem-Quer, Rua da Palha, Rua das Laranjeiras, Bica da Telha, Rua dos Preguiçosos. Cidade dos bairros esquecidos: das Rocas, recendendo a peixe e a sangue, misturado com cachaça. Do Tirol, onde eu ia colher guabiraba, cajus azedos, ubais e ambuís, nas dunas perdidas, verdes de esmeralda. Do Alecrim, que ficava lá no fim do mundo, para onde ia, com meus irmãos, pela estrada nova de São José, estrada tão querida, hoje com um nome novo que tu não conheces ainda. Ah, como eu me lembro das gargantas de barro, onde, muitas vezes, descansávamos do estirão da caminhada.

Era lá onde íamos comprar açúcar de gamela, farinha de castanha, feijão, farinha, carne-seca, toda provisão para a semana que ia começar.

Natal das noites indormidas com medo de Pedro Gato. Eu tenho saudade de Pedro Gato, morto pelos soldados de Joca do Pará. Como eu tenho saudade das clarinadas dolentes do Esquadrão da Cavalaria! Como eram belas tuas alvoradas, minha cidade querida, quando os soldados me acordam, com suas notas

argentinas!

Soldados montados a cavalo, percorrendo as tuas ruas cobertas de pó. E teu corpo de Bombeiros? Ah, como eu gostava de vê-los passarem com suas fardas escarlates, como ruta de cardeiro.

Natal da Rua do Cambuim, onde Deodato e Marcimina eram o encanto da meninada. Ei, Deodato quebrou o pote! Deodato quebrou o pote!

Da velha Calutrina, de “Minha Tia”, de Pedro Damásio, o homem do corrupio. Ah “a roda do corrupio caiu sobre a casa de Pedro Damásio e o Tu-cai morreu, esmagado pela roda do corrupio”! Não, Pio Tu-cai não morreu, ele estava brincando à sombra das mungubeiras. Comprar juá, jucá, quina, angélica, pinhão, pimenta, limão, podoio, catingueira...é a Velha Solha, que vem subindo a rua, com um balaio enorme na cabeça, vendendo raiz de pé de pau e mezinhas milagrosas”. E aquele velhinho, todo curvado, com as barbas branquinhas como neve? ‘ Ah, é Caitaninho, Meu Negro, o funileiro de nossa rua”.

Como era gostoso o mel de furo que seu Tomé nos vendia! Uma caneca por dois vinténs.

Como eu tenho saudade dos banhos da praia do Morcego, quando com um pé amarrado, por uma corda, eu tomava banho de areia, pelo medo que tinha de mar! “Cuidado, menino com o mar; cuidado com as ondas do mar!” Eu tinha medo do mar, mas eu queria bem ao mar, ao mar de minha terra. Como me lembro do caminho para a praia. Da casa do Gigante Ruivo. Meu Irmão, eu ainda me lembro quanto tu me dizias, “foi ali, onde o Gigante Ruivo esticou suas aristocráticas canelas”.

E eu ia me afastando da casa do Gigante Ruivo com um medo medonho que ele me pegasse.

Menino, você já soube? Ali naquela mata, lá no Monte, mataram um homem. Eles iam para a praia e, no meio do caminho, o companheiro, servindo-se de uma toalha, o enforcou. Cabra traíçoeiro, aquele homem! Mata escura, mata feia, aquela mata de Petrópolis.

Natal das noites de seresta, quando “Praieira” tomava conta da cidade, nas vozes das serenatas, ao som dolente dos violões tocando.

Natal, cidade de minha infância, eu tenho saudade de ti.

Salgueiro Machado

VEREADOR PT
OLEGÁRIO
MANDATO VIVO

VEREADOR
Juliano Siqueira
MANDATO DEMOCRÁTICO - POPULAR
PCdoB

Menino em dezembro

Na imaginação de Pedro, sempre pareceu muito fácil soprar uma flauta e ouvir aquela suave melodia. Por isso, para ele, que era um menino estranho e tinha vergonha dos outros porque chorava facilmente, o desejo maior era que lhe dessem uma flauta. Com ela, se refugiaria nas matas e sozinho, sem ver nem ouvir ninguém, caminharia por entre as árvores ou descansaria nas acolhedoras sombras. E haveria de realizar seu maior desejo: ouvir de seu próprio sopro todas as maravilhosas criações que tinha guardadas na cabeça. Quantas vezes sonhava tocando flauta numa paisagem solitária onde havia apenas seus ouvidos e o próprio coração embevecido!

Num dia de aniversário sua mãe lhe pôs nas mãos o presente sonhado. A flauta era longa e revestida de uma capa de prata, trabalhada em ramos em alto-relevo. Pedro teve sensações de hipnotizado: o corpo levê, a cabeça confusa, o pensamento ausente. Surpreendia-se às vezes abstraído, com a fisionomia ridícula, e procurava ficar natural, conversar com os outros, discutir assuntos domésticos e notícias da rua, mas fugiam as idéias e ele caía numa espécie de torpor, meia sonolência onde a imagem da flauta o possuía inteiramente. Seu pensamento desejou que aquele dia fosse apenas o papel da folhinha que ele queimaria, apressando a vinda da madrugada vizinha. Mas as horas da tarde eram quentes e vagarosas e a flauta brilhava de encontro ao forro verde da caixa de madeira.

A obsessão alongou as horas, mas finalmente veio a noite, o sono e a madrugada. Ele se foi como quem tenta a primeira experiência de amor. Floriam os cajueiros e era claro o céu em dezembro. O caminho não existia como paisagem, porque Pedro concentrava-se no primeiro desejo



forte, que é intenso como o dia da criação do ser. O sopro inútil espalhava-se no espaço, sem ritmo, sem harmonia, sem vida. Mas Pedro insistia. Se havia milhares de homens no mundo que tocavam flauta tão facilmente, que mistério era aquele que descontrolava seus dedos, cansava os músculos da face e torturava todo o corpo como a estafa de um pesadelo? Depois, o esforço insistente foi vencendo a primeira decepção, e da flauta saíram notas suaves e trêmulas como o acompanhamento para as tristes canções do seu povo.

Pedro era bom. No amplo quarto branco, acompanhava em surdina o canto de acalanto que sua mãe

entoava para o irmão dormir. Sempre em dezembro o vento trazia e jogava pela janela o cheiro de chuva nova, de poeira e de maturis, e sua música tornava-se mais pura.

Depois ficaram mais graves as notas da flauta e Pedro cresceu. Do alto do coro da igreja, olhando para baixo ele sentia-se como um gigante, com os pés sobre a imensa coluna e a alma da flauta fazendo solo para a missa de corpo presente. Pedro era triste porque lá embaixo sua mãe estava morta. Entre quatro velas, a mais bela mulher do mundo tinha os olhos como espelhos refletindo os dele. Suas mãos muito alvas pareciam se desprender do corpo e pousar sobre as mãos de Pedro leves como borboletas do campo, ajudando os dedos do filho agitados na flauta a modular o mais triste lamento da liturgia. As últimas notas do *miserere* empurravam o povo para fora da igreja, em direção ao poeirento caminho do cemitério. Nuvens de incenso superpunham-se como rotundas à frente de Pedro. Os degraus da escada de madeira era sob seus pés como a áspera estrada da mata, e agora aquele manto negro que cobria o corpo da sua mãe caía sobre os seus ombros.

Um seminarista, com o coração pesado e uma flauta de prata, acompanhava na catedral repleta o Canto das Profecias. Sobre as cabeças dos fiéis rolava uma onda de maldições antigas e era ativo o cheiro de alecrim. Como a própria imagem de Jeremias, um velho padre abria os braços sobre um livro de grandes letras vermelhas e cantava com um desesperado acento na voz:

Jé-é-ru-sa-lém...

Jé-é-ru-sa-lém...

Uma flauta pode esmagar um homem como uma coluna e pode apavorá-lo como um terremoto. Pedro temia ser músico de guerra e aquelas lamentações do severo profeta soavam-lhe como um presságio. Sentia que aquela flauta estaria ligada a seu destino tanto e até quando seu corpo tivesse

vida. E cansado soprava o lamento bíblico como se estivesse na guerra. Como um flautista que deseja apascentar ovelhas, e tocava à retaguarda de um soldado, estimulando-o a matar mulheres, velhos, crianças e a se matar também.

A nuvem de incenso era agora de areia e pólvora. E Pedro arremetia tocando furiosamente contra as erupções de fogo que se alevantavam do chão. Não via canhões nem fuzis. Eram milhões de velas dos altares de todo o mundo voltando-se contra as ruínas, queimando Jerusalém. Vieram muitos sacristãos de roupas enxovalhadas e ar humilde e começaram a apagar as velas. Um vento quente revolveu as cinzas das ruínas. E enquanto mulheres piedosas varriam o chão da catedral, aquele vento arrebatou dos ombros de Pedro a batina de seminarista. Como num festival de mágicos, ele viu-a sumir-se no espaço, com largos movimentos de grande pássaro negro e tornar-se tão distante e tão nada como um ponto. Na sua mão direita tinha ficado a flauta presente de aniversário. Lágrimas, saliva e suor caíram sobre ele. E também pingos de velas e os longos cabelos de sua mãe.

O caminho da floresta, a escada do coro, os campos de Jerusalém, numa mistura de vida sem lógica e sem razão, eram agora a seus pés o barro batido de um picadeiro de circo. Os cabelos de sua mãe estendidos num cordão ficaram como reposteiro e foram se abrindo vagarosamente, enquanto passavam palhaços, equilibristas, cavalos, elefantes, domadores e a deslumbrante bailarina de quinze anos apenas. Quando as palmas serenaram, a música diluída na vasta empanada acompanhou em ritmo lento o desfile dos artistas, até a saudação geral ao público: todos inclinados, com uma mão ao peito e outra elegantemente estendida apontando o companheiro da esquerda. Centenas de olhos atravessam o silêncio e se pregavam ao corpo da menina que como um pássaro corria sobre os arames, voava nos trapézios e voltava ao chão. Pedro sentia sempre os olhos da menina pregados aos seus, na atenção que os equilibristas têm pela

música quando trabalham. A luz de lua e carbureto ardia em seus olhos e pelo reposteiro de cabelos fugia em graciosos movimentos a dançarina equilibrista.

Um circo é uma família onde, às vezes, ocorrem fatos estranhos.

Pedro, o tocador de flauta, velho já de cinqüenta anos, teve zelo e amor banal pela jovem bailarina e não se declarou porque tinha vergonha de chorar como na infância: preferiu matá-la entre uma noite de espetáculo e uma madrugada de chuva. E sobre o corpo da morta tocou um improviso, o seu grande momento musical de que ninguém guardaria memória. Um réquiem como o de Mozart, talvez maior.

Encontraram-no ao amanhecer, debruçado sobre a morta, os lábios intumescidos de tanto tocar, os olhos duros e vidrados de quem deseja chorar e não pode. Estranhou que o levassem à igreja e não para a cadeia.

Ouviu pancadas na porta enorme e apenas dois civis o acompanhavam quando a catedral vazia abriu-se à sua frente. Um dos civis subiu ao púlpito e o outro permaneceu a seu lado.

A igreja tinha aberta apenas a grande porta principal e nas cadeiras Pedro, aturdido, não via ninguém. Quando o primeiro civil assomou ao púlpito, trazia na mão direita um martelo de madeira e na esquerda sua flauta de prata. Era um leilão e ele dizia em voz compassada: "Botem preço por esta flauta antiga, toda de prata estrangeira, com o mais claro som que um instrumento já teve na terra. Botem preço para salvar Pedro que hoje, no circo, assassinou uma atriz".

O civil que estava a seu lado deixou que o outro anunciasse sete vezes, depois ofereceu um preço que Pedro não percebeu. O outro ainda agitou sua flauta no ar algumas vezes, após o que bateu fortemente, três vezes, com o martelo na parede e anunciou: "Está vendida".

Pedro sentiu em seu peito as marteladas e veio-lhe a última vontade. Fez um gesto suplicante e perdeu que o

deixassem despedir-se da flauta. Tomou-a então nas mãos trêmulas, sentindo que desfaleciam suas forças quando colou-a aos lábios e começou a tocar.

Deitado no ladrilho da igreja, compreendeu que era dezembro novamente. Um vento rasteiro corria da porta principal com um cheiro de chuva nova, de poeira e maturis. Seu peito encheu-se de misterioso alento e com um sopro iniciou a ária que ele sempre desejara tocar. As notas articulavam-se com um ritmo que não era humano. Pedro pensou nas árvores da floresta, na batalha de Jerusalém, nas pessoas do circo, no reposteiro de cabelos e começou a chorar. A chorar profusamente todas as lágrimas que reprimira com vergonha, que agora deslizavam pela flauta abaixo, molhavam suas mãos e formavam um lago, um rio, um mar em torno de seu corpo estendido sobre a própria sombra.

Tinham desaparecido os dois civis. Ele restava sozinho sobre uma vasta planície líquida. Os ramos do alto-relevo começaram a crescer e em diversas direções erguiam-se das águas como fantásticos instrumentos de madeira, todos ligados à sua flauta e a seus dedos por muitas raízes que pareciam uma cabeleira. Os sons em conjunto eram os de uma orquestra sinfônica, iam sendo devolvidos ao espírito embevecido de Pedro, acompanhados de vozes de mulheres que se multiplicavam a cada nota. Eram como um coro universal dando vida à sua grande composição imortal. Os olhos de Pedro não viam senão os milhares de instrumentos vegetais à sua volta, a planície líquida e o forro branco da igreja deserta. Daquele concerto surpreendente, ele distinguiu bem nítidos, os sons da flauta e uma voz mais alta que todas solfejando, acima da melodia geral, um suave acalanto para menino dormir.

José Gonçalves de Medeiros.

*Transcrito do Livro
Contistas Norte-Riograndenses, Natal, 1966.*



Praia de Areia Preta nas décadas de 50 e 60

FIERN

SESI

SOLAR BELA VISTA

Centro de Cultura e Lazer do SESI/RN

FIERN

SESI

CURSOS DE MÚSICAS, ARTES PLÁSTICAS, DANÇA, ARTESANATO.

ESPAÇO ABERTO PARA APRESENTAÇÕES DE MANUTENÇÕES ARTÍSTICAS (POPULARES OU ERUDITAS) Tele/Fax: 212-1760 Av. Junqueira Aires, 417 Cidade Alta Natal/RN